

## MÃE GAÚCHA

Glaucus Saraiva

Cantando: Bicho Tutu  
de trás do murundu,  
pegou no sapinho  
comeu com angu.

Aninhado no teu colo  
- plumas de amor e doçura -  
minha mãe, quanta ternura  
suguei, mamando em teu seio?  
E o teu canto de permeio  
com arrulhos de pomba mansa,  
me ensinou, desde criança,  
as Lendas do Pastoreio:  
Tinha mula-sem-cabeça,  
Boitatá e caipora...

Lendas de Nossa Senhora  
com os bichos mais conhecidos  
e tesouros escondidos,  
Lobisomem, urutau...

Aprendi a cravar um pau  
no recavem do tinhoso  
se perdia, desgostoso,  
as minhas coisas tão belas,  
ou então, prendia velas,  
com a maior devoção,  
no topo de moirão  
ap Negro do Pastoreio  
E aquele infantil rodeio  
singular, estranho e vago,  
de cantiga, história, afago,  
de encantamento e de bruxa,  
formou minh'alma gaúcha  
enraizada no pago.

Cantando: Songa Lionga  
me leva no carro,  
agora não posso  
que vou carregado,  
leva uma canga,  
leva um arado,  
levo um cusquinho  
de rabo cortado.

Cantando ensinava coisas  
de amor às lides campeiras.  
Na minha infância tambeira  
amei meu gado de osso,  
meu cusco de rabo grosso,  
meu cavalo malacara  
- puro-sangue de taquara -

com rédeas feitas de tira.

Tive meu laço de embira,  
boleadeiras de sabugo...  
e tudo o que era refugo  
- corda velha, carretel -  
para mim era o plantel  
dos meus tesouros meninos  
que apartava, teatinos,  
em rodeios pelo chão.  
Depois guardava o florão  
de minha tropa sem dono,  
debaixo do cinamomo  
ou num canto do galpão.

Cantando: Lá, ra,ra,ra  
onde está papai...?  
dorme, filhinho,  
morreu no Paraguai.

Também morri muitas vezes  
em peleias "faz de conta",  
atravessado na ponta  
de um talo de jerivá,  
que nas guerras de piá  
eram espadas de fama...  
De velhas guardas de cama.

Tirei cano pra trabuco  
que era o truco e o retruco  
pra um guri que não se agacha,  
Depois um par de borrachas  
macias e emparelhadas,  
forquilha bem aparada  
de pitangueira ou camboim,  
mais um courinho e, por fim,  
estava pronto o bodoque  
para completar o estoque  
de espada, trabuco e lança  
para o caudilho criança  
que havia dentro de mim.

Cantando: Dorme, filhinho,  
dorme, meu amor,  
que a faca que corta  
dá talhos sem dor.

Pobre velha, te esqueceste  
que a faca dos desenganos  
- chairada ao correr dos anos,

dói muito cortando a gente;  
retalha a alma inocente,  
sangra fundo o coração;  
deixa depois, pelo chão,  
a branquejar pela estrada  
a ossamenta desgarrada  
da infância, terna ilusão.

E aquele bicho Tutu  
tão feio, é o nosso destino...  
Pegou o pobre do menino  
que de piá virou moço,  
extraviou o gado de osso,  
matou seu cusquinho amigo,  
e, de castigo em castigo,  
foi roubando aquele céu  
feito de sonho, mundéu,  
arapucas, fantasias,  
de pilão, cinco-marias,  
trabuco, bulita e fundas  
e até das valentes tundas  
por fugir pras pescarias.

Cantando: Late, late,  
cachorrinho,  
lá pro fundo do quintal,  
não acorda meu filhinho  
que passou a noite mal.

Mas o latido do tempo  
me acordou daquele sonho...  
agora vejo, tristonho,  
que tudo aquilo acabou,  
o lacinho arreventou  
com o tironeio da vida  
e a boleadeira querida  
feita com tanto carinho,  
perdeu-se, com o sapinho  
que o Bicho Tutu comeu.  
Tudo desapareceu  
de minha estância mirim!  
Campeio e vejo que enfim,  
até o pingo de taquara  
se perdeu pela coivara  
que o destino abriu em mim.

Das velhas caixas de "fósforo!"  
já não faço mais gaiola  
pra encerra toca-violã  
e ouvir singelas cantigas,

Não mais entendo as formigas  
conversando nos carreiros  
e nem faço parreiros  
dos carrapatos pançudos;  
já não cango mais cascudos  
para infantis carreadas,  
nem me interessam caçadas  
de vaga-lumes matreiros,  
pra fazê-los de candeeiros  
dentro de um copo emborcado.  
Não fico mais ao teu lado  
te bombiando amassar pão  
e nem te peço, gritão,  
"Mãe me faz um marreco,  
um jacaré e um "bunecro",  
com os "zinhos" de feijão?"

Cantando: Dorme, filhinho,  
que o bicho aí vem  
papai foi à caça,  
mamãe logo vem.

Espero, sim, mãe, que venhas  
me embalar no último sono

que se dorme no abandono  
de um berço negro e prateado.  
Quero te ouvir a meu lado  
Cantando - "Dorme, filhinho"  
e não estarei tão sozinho  
nessa última viagem,  
nem me faltará coragem  
para o momento tão sério  
em que deverá um gaudério  
enfrentar Nosso Senhor,  
pois terei o teu amor,  
o teu amor, mãe querida,  
o único amor na vida  
que redime um pecador.

Cantando: Senhora Santana  
na beira do rio,  
lavava os paninhos  
do seu bento "fio".

Canta pra mim, minha mãe,  
canta o teu canto divino,  
pois ainda sou teu menino  
velho, triste e abichornado.

Apesar dos meus pecados,  
das rugas que tem meu rosto,  
da tropilha de desgosto  
que entordilhou meu cabelo,  
tua voz é o meu sinuelo  
de pureza e redenção,  
e o teu canto, a extrema - unção  
que absolverá este réu.

E eu entrarei lá no céu  
repointado ao teu cantar  
e até a Virgem há de achar,  
mimando o Menino Santo,  
que o céu terá mais encanto  
com tua canção de ninar.

Cantando: Bicho Tutu  
de trás do murundu,  
pegou nos meus sonhos  
e comeu com angu.